



## **Cartografia escolar: entre o risco e o rabisco na beira do rio Amazonas**

José Camilo Ramos de Souza

Doutorando em Geografia Física

Universidade de São Paulo – USP-SP/Universidade do Estado do Amazonas- UEA-AM

Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM

jcamilodesouza@gmail.com

**Resumo:** Olhar um lugar é procurar entender seu significado e o significante, indo ao encontro da compreensão da realidade ribeirinha que se apresenta em sua particularidade. Dessa forma, este artigo procura mostrar a compreensão que os ribeirinhos possuem do lugar de vida e o demonstram através de rabiscos o que aprendem de geografia, a partir dos saberes formais (escola) e os não formais (saberes tradicionais). Este é um estudo em andamento, mas importante para mostrar um pedaço do Amazonas e suas feições, realidade de quem aprendeu com o rio a viver um eterno recomeço e da beira do rio se aprende a olhar a Geografia e a representar gráfica ou cartograficamente.

**Palavras – Chave:** Cartografia. Ribeirinho. Amazonas. Amazônia.

**Abstract:** Look a place is going to find to understand his meaning and the significant one, going to the meeting of the comprehension of the reality little bank that is presented in its particularity. Of that form, this article seeks to show the comprehension that the river dwellers possess of the place of life and show him through scribbles what learn how of geography, from him you will know formal (school) and the not formal (you will know traditional). This is a study in course, but important for show a piece of the Amazon and his features, reality whose learned how with the river it live an eternal restart and of the brink of the river is learned how to look the Geography and it represent graphic or cartographically.

**Key Words:** Cartography. Riverside. Amazon. Amazonia.



## INTRODUÇÃO

Os caminhos das águas ou as estradas fluviais da Amazônia conduzem sempre a um porto e ao encontro de vidas ribeirinhas que constroem seu saber na formalidade da escola ou nos ensinamentos tradicionais. Estes conhecimentos orientam e animam a vida de quem necessita aprender a viver no ritmo da água ou na sazonalidade do rio Amazonas.

A aprendizagem do estudante ribeirinho está na necessidade da própria sobrevivência, mesmo porque precisa conhecer cada detalhe do lugar onde vive para poder tirar seu alimento, seja do solo após a enchente ou dos lagos, reservatórios de peixes.

Nesta relação de viver para aprender e aprender constantemente para continuar vivendo o estudante se diz um forte, por traduzir os ensinamentos dos mais velhos em guias, verdadeiros roteiros de conhecimentos, como: orientação, circulação e sobrevivência. Assim, aprender a conduzir uma canoa, seja com remo ou motor rabeta é de suma importância para continuar o processo de existência, por ser o meio de transporte que o faz circular de um lugar a outro, ou seja, de uma comunidade a outra ou até mesmo para ir à cidade.

Os percursos em pequenas ou grandes distâncias são momentos de aprender e guardar na mente os ensinamentos, para serem utilizados quando a autonomia chegar. Esta autonomia está na ida ao rio colocar a malhadeira e saber o local correto para capturar os peixes ou a ida ao lago, sabendo seguir sem ter a preocupação de se perder, porque ao ficar perdido não terá ajuda, os lugares são isolados.

Dessa forma, considerando a possibilidade de ir sempre ao encontro do objeto pensado e em contato com mesmo torná-lo concreto, foi necessário estabelecer objetivo, como: compreender os processos de aprendizagem e a forma como utilizam os saberes, sejam formais ou tradicionais, na localidade do Itaboraí do Meio, no município de Parintins - Amazonas.

O objetivo possibilitou a leitura e análise de cada aspecto educativo representado de forma gráfica ou cartográfica, mas para se chegar a compreensão foi necessário adotar procedimentos, como: observação livre; esta observação se deu na relação de



convivência nos afazeres domésticos e diários e posteriormente, as crianças foram convidadas a utilizarem o poder criativo para livremente expressarem a compreensão de seu lugar de vida, as quais, em suas simplicidades e em seus saberes fizeram a representação do lugar de vida em forma de desenhos (gráficos), verdadeira expressão da cartografia ribeirinha – cartografia da vida e da alma cabocla amazônica.

Dessa forma, fica registrado parte de um conhecimento que está sendo construído em eternas aventuras pelo rio Amazonas e na beira do rio se vê risco e rabisco na construção de saberes e aprendizagem, em verdadeira formação de sujeitos compreendedores de seu mundo e de outros mundos, pertos ou distantes.

### **CAMINHOS DE COMPREENSÃO DA REALIDADE DA BEIRA DO RIO**

Os caminhos trilhados na construção do conhecimento e compreensão das manifestações sociais, culturais e ambientais locais, estão na exigência de ler, analisar e compreender as múltiplas realidades locais, as quais podem ser reflexos da realidade global ou vice versa, seja no aspecto econômico ou sócio-cultural-ambiental. Por esta razão se acredita que o ato de estudar e pesquisar abre novas perspectivas de análise para participar direta ou indiretamente na construção do conhecimento para contribuição de ações que possam ser significativas na aprendizagem dos estudantes ribeirinhos e que estes conhecimentos possam ser sempre fortalecidos e ressignificados pelos conhecimentos tradicionais aprendidos e conservados quando repassados de pais para filhos em um processo contínuo.

Logo, para se ter compreensão do lugar e sua relação com o global é que foi construída a leitura de análise de uma pequena realidade amazônica, no caso, a localidade do Itaboraí do Meio, onde há a comunidade Menino Deus e a Escola Municipal Tiradentes, no Município de Parintins, Estado do Amazonas.

É importante frisar, que este estudo e pesquisa têm por finalidade apresentar para poder se conhecer uma pequena realidade amazônica; pequena de tamanho, mas grande na sua maneira de ser e de existir em comunidade. Para tanto, foi preciso fazer o estudo de compreensão da importância da Geografia na construção e fortalecimento da identidade cultural do estudante de várzea, mesmo porque, em levantamentos *in loco*,



detectou-se que o estudante de várzea nega sua origem, quando passa a estudar na cidade, por desconhecer todo espaço vivido, percebido e concebido. Por esta razão chegou à conclusão que a dissociação do ensino de Geografia com a realidade dos professores e estudantes ribeirinhos tem sido significativo para que estes não percebam e compreendam o espaço geográfico, mesmo sofrendo influência do próprio espaço, da cultura de várzea, ou seja, entre a cheia e a vazante.

Assim, o caminho foi traçado para se alcançar o objetivo proposto, por entender que o conhecimento está sempre em processo de construção. Esta construção está a partir do objeto pesquisado e é um ato contínuo de exigência para quem procurar aprender continuamente, inclusive, exige muito mais de quem esteve e continua pesquisando e decifrando o processo de aprendizagem ribeirinha por ser um fazer, um construir construindo-se com a pesquisa e com os resultados alcançados e registrados, para que outros possam conhecer.

Porém, para se entender o objeto construído na pesquisa foi utilizado à escala grande, porque esta ajuda a compreender a totalidade da realidade ribeirinha, a partir de sua particularidade; esta compreensão só pode ocorrer quando se tem definido o tipo de escala a ser utilizada. Para o que se pretendeu sobre *Cartografia escolar: entre o risco e o rabisco na beira do rio Amazonas* utilizou-se da seguinte escala, do ponto de vista espacial, sendo:

**Escala Cartográfica:** porque permitiu uma visão do lugar selecionado para desenvolver o estudo, no que diz respeito à área e a distância entre a cidade de Parintins e a comunidade de várzea, Itaboraí do Meio. Para tanto, fez-se uso de Carta de 1/100.000. Além das distâncias permitiu estabelecer comparações entre os lugares visualizados no percurso, porque o deslocamento se dá em pequenas embarcações (voadeiras), vencendo, não só à distância, mas a ondas fortes do rio Amazonas (banzeiros).

**Escala de Análise:** porque o estudo pretendeu fazer uma leitura do fenômeno em uma dimensão regional, a partir de dados e análises locais, mesmo porque o método utilizado na pesquisa teve como base a fenomenologia, por permitir a compreensão do viver a sazonalidade do rio Amazonas (cheia e vazante), extraíndo as experiências como



ensinamentos compartilhados com todos da escola de várzea; observar as dinâmicas exercidas na várzea em relação a todos os aspectos geográficos, ou seja, desde a adaptação ao período da cheia, onde há a escassez de alimentos (dificuldade de capturar o peixe e de plantar), como também estar sobre o perigo representado pelo próprio rio (aparição de animais peçonhentos); nesta dinâmica de vida sobre a água foi possível analisar a realidade do ensino de geografia na percepção dos ensinamentos tradicionais. O estudo dessa realidade local de ensino permitiu uma leitura e análise do ensino de geografia numa dimensão regional, apesar de terem suas particularidades e singularidades locais.

**Escala dos fenômenos:** nesta escala a visualização do fenômeno – *Cartografia escolar: entre o risco e o rabisco na beira do rio Amazonas* – está voltada para o geossistema de várzea. Até porque possui característica diferente tanto no modo de vida quanto na relação de produção, na relação social e cultural. Por isso o estudo pode estabelecer relações de análises do fenômeno do local para o regional ou vice versa.

A delimitação do fenômeno permitiu um estudo bem verticalizado, porque também está voltado para entender o ensino, a aprendizagem e o fortalecimento da identidade cultural, a partir dos estudantes de ribeirinhos da escola de várzea.

Em relação às classes da legenda, pesos atribuídos às variáveis dependeram do processo de pesquisa, mesmo porque foi pensada e adotada a proposta de Mapa Mental de Amélia Regina Batista Nogueira, contribuindo para a concretização da Cartografia Social, pois os discentes puderam retratar gráfica e cartograficamente o seu lugar de vida e as múltiplas relações que animam a vida de cada estudante.

Partindo de um aspecto geral foi possibilitado se chegar à área de estudo, no sentido de perceber a relação espacial e a escola como construtora do conhecimento, considerando o conhecimento tradicional praticado em cada residência ribeirinha, a qual reflete direta e indiretamente no exercício da identidade cultural. Esta identidade está a partir do lugar e em sendo como ocorreu e ocorre o processo de fortalecimento e ao mesmo tempo o pertencimento de cada estudante.

Há também, as múltiplas relações sócio-econômico-cultural-ambiental presente na comunidade envolvendo a escola, porém, não é trabalhada e nem vista, para o qual se



determina como currículo oculto. Oculto, porque não é trabalho na escola, mas acontece na comunidade, na convivência de estudantes com os ensinamentos de seus pais, ou seja, aprendem o sentido da conservação porque os pais falam se tirar a floresta elimina alimento dos animais terrestre durante a vazante e dos animais aquáticos durante a cheia, além de saberem se orientar por inúmeros igarapés ou lagos, sem o uso de aparelhos. Com este direcionamento a pretensão foi perceber, também, a totalidade a partir das particularidades nas interações entre os sujeitos e o aprendizado de viver sobre a várzea e a utilização do conhecimento geográfico tradicional e escolar.

Esta reflexão conduz a um pensamento a partir das representações do conhecimento construído pelos estudantes ribeirinhos, conhecedores de cada aspecto de seu lugar de vida, fazendo acreditar, como Cavalcanti (1998, p. 13) que “[...] o conhecimento escolar se constrói pelo confronto entre conceitos cotidianos e conceitos científicos [...]”, por ser a concretização da dinâmica da ressignificação de tudo que é aprendido, na beira do rio ou dentro do prédio escolar.

Esta maneira de pensar não é e nunca será despreziosa, mas o das possibilidades de compreensão do mundo urbano e rural, quando se constrói no imaginário as representações espaciais de cada lugar vivido ou apenas projetado, assim analisado e discutido por Nogueira (2002, p. 130)

Como essa compreensão de percepção, como saber primeiro e do mundo como lugar de existência, podemos interpretar que nos mapas mentais trazem neles representação espacial: o lago é o lugar onde eu pesco; a igreja é o lugar onde eu rezo; o parque é o lugar onde eu brinco. Os mapas mentais contêm saberes sobre os lugares que só quem vive neles pode ter e revelar. Isso em nós reforçou a idéia de que essas representações mentais seriam para nós, geógrafos ou professores de Geografia, um material didático de extrema importância para a compreensão dos lugares, pois os dados que estão aí representados, independentemente da exatidão, revelam o lugar tal qual ele é.

Como foi apresentado, o mapa mental será sempre um importante aliado do ensino e da aprendizagem, bem como do fortalecimento da identidade cultural, porque mexe e exige a projeção no imaginário, para depois ser representado concretamente, ou seja, cria-se as imagens dos espaços locais, assim como dos espaços globais, no sentido da compreensão das influências e das interferências que processam mudanças em



lugares distantes dos meios urbanos ou com mais avanços técnicos científicos, como pode ser percebido na afirmativa de Nogueira (1994, p. 63)

A experiência de vida dos homens deve fazer parte das análises geográficas, o conhecimento humano é adquirido através das experiências temporais, espaciais dos indivíduos. Este conjunto de experiências faz dele um sujeito no mundo. Se a Geografia é uma das ciências sociais que o tem como sujeito de suas reflexões não pode deixar de vê-lo como indivíduo que constrói sua própria imagem das coisas em função de suas percepções individuais. [...]

Dessa forma, a construção do saber esta intimamente ligado ao processo de utilização dos saberes escolares e dos saberes tradicionais, aprendidos cotidianamente e assim valorizados para que nada seja negado, mas fortalecido e fortalecendo o sentido de ser ribeirinho.

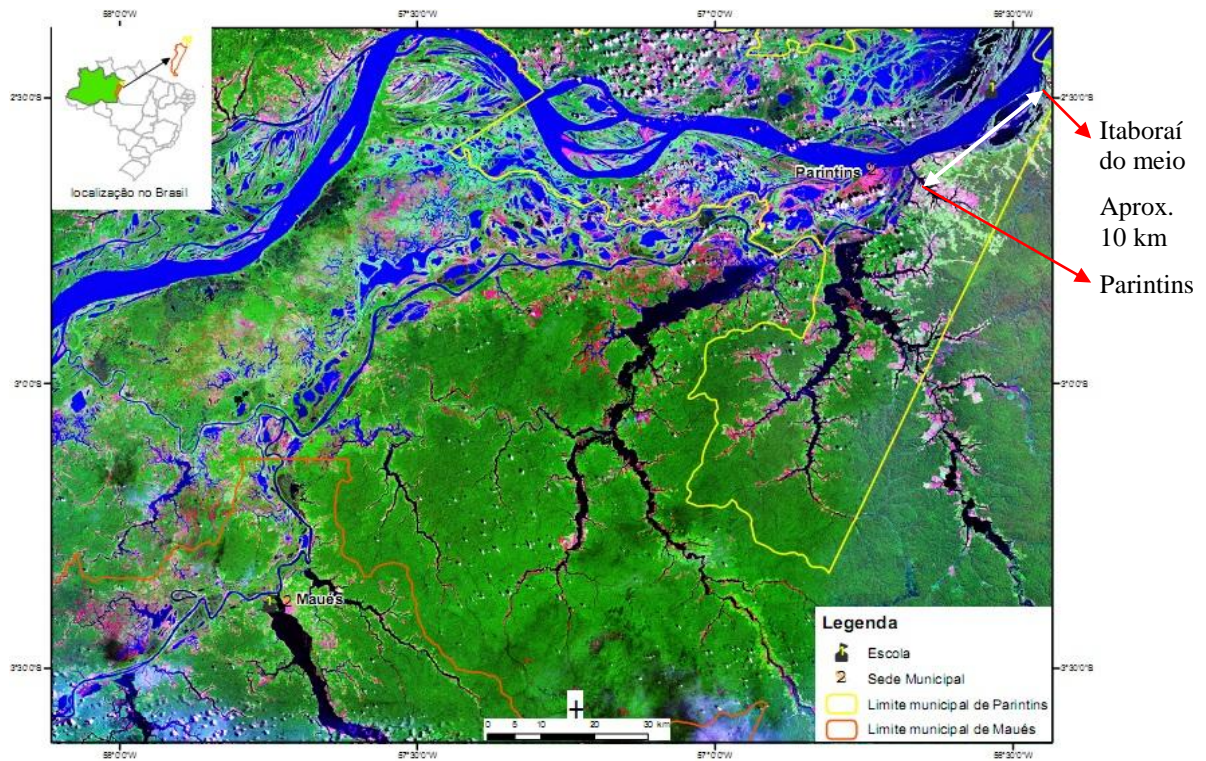
Assim, em cada curva do rio elementos geográficos, sejam sociais, econômicos, ambientais ou culturais são conduzidos pela força da água que movimenta a vida na várzea da Amazônia, a vontade de querer sempre aprender o que é ensinado na escola diária da vida, em espaços não formais, como também os ensinamentos diários nos espaços formais, a escola ribeirinha.

## **RISOC E RABISCO DE CONHECIMENTO DA COMUNIDADE RIEIRINHA**

O risco e rabisco estão, primeiramente, representados nas vias de circulação da Amazonas, seus rios. Os rios que permitem circular vidas e emoções, riqueza e pobreza, mas na suas margens a vida continua na passividade de cada lugar

A correnteza do rio Amazonas e a pressão hidráulica sobre a várzea aceleram o processo da erosão fluvial, fator que deixa em alerta os moradores ribeirinhos, os quais fazem a distribuição espacial das residências acompanhando o percurso do próprio rio e segue mudando as casas de lugar a mais de duzentos metros da margem do rio, em decorrência das terras caídas. Esta dinâmica do morar e viver são verdadeiras lições de vida, aprendidas naturalmente observando o próprio rio no período da enchente.

O risco não está só na representação gráfica, mas, no perigo apresentado para quem desconhece a violência erosiva provocada pelo rio Amazonas, ou provocadas por todos os rios de águas brancas (barrenta), por estarem definindo o seu canal.



Localização da cidade de Parintins e da comunidade Menino Deus – Itaboraí do Meio  
Organizador: Willer/2010

473



Terra-caída em frente a comunidade Menino Deus – Itaboraí do Meio  
Foto: Camilo Ramos/2010





Assim, na beira ou no meio do rio as crianças estão a aprender os ensinamentos de sobrevivência da vida. Rio que alimenta de quem dele depende; ensina quem precisa navegar e as lições do rio são aprendidas em cada remada, para muitos são aventuras e para os ribeirinhos são necessidades da sobrevivência.

O rio não é determinante, mas é nele que se encontram os encantados, o boto que se engera (transforma) em ser humano (homem) e emprenha as caboclas; a cobra grande que arranca o barranco, a cidade dos encantados, nunca vista, porém comentada a sua existência na roda de conversa. É neste misto de crença e mito que a vida é animada, tendo o ribeirinho todo o respeito dispensado aos mistérios existente, na beira do rio. Apesar do respeito existente, as crianças se lançam ao rio em busca de alimento, pescando de malhadeira; e é neste momento que aprendem a amadurecer, a ser adulto e dar conta de pescar alimentos para todos os membros da família que trabalham nas plantações de ciclos rápidos nas terras de várzea.



Crianças – estudantes ribeirinhos – pescando no rio Amazonas  
Foto: Camilo Ramos/2010

A prática ensina a aprender constantemente e a geografia aprendida embala os ensinamentos tradicionais, apontando ou despertando interesses particulares de

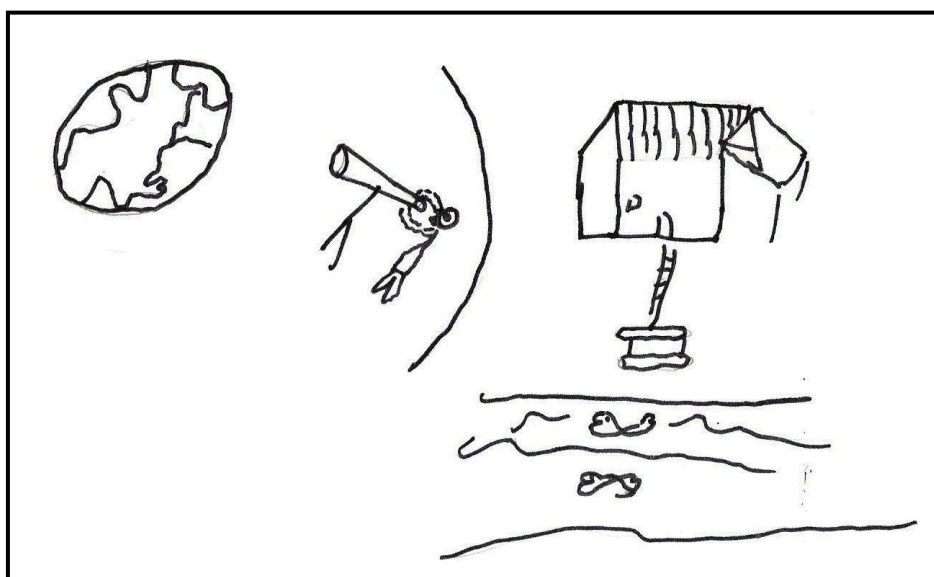


perspectivas de futura, demonstrando o entendimento de uma geografia que possibilite um crescimento intelectual e um bem estar social, abrindo possibilidade de galgar novo modo de vida; em destaque está evidente o mundo que o sujeito aprendente possui e a escola tem a responsabilidade de fazer com que os aprendizes dos saberes geográficos escolares, possam ler este mundo. Nota-se a finalidade e importância da Geografia em compreender a vida de pessoas humildes vivendo em pleno laboratório geográfico - Amazônia, onde os significados afloram necessidades para ler e entender o lugar de vida nas diversas formas que se apresentam, sendo passivo de ser representado graficamente.

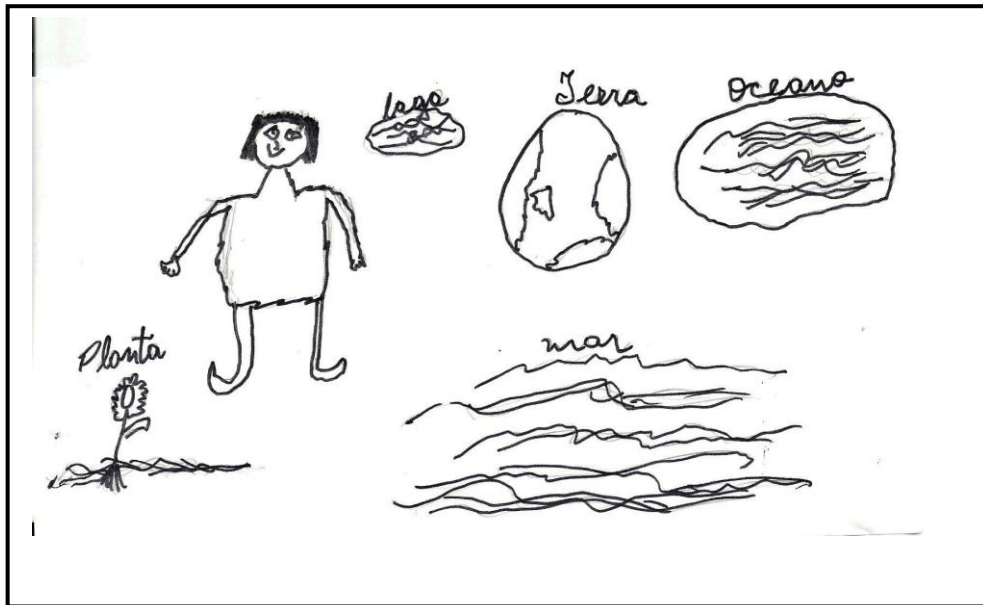
A representação gráfica é a verdadeira cartografia de quem aprendeu e sabe observar os aspectos naturais para aprender a demonstrar no papel, em forma de desenho, a relação sistêmica que há entre os seres vivos, direcionando a vontade de decifrar os mistérios, por serem abstratos; porém, transformados em conhecimentos, tornam-se concretos, quando colocados criativamente no papel. Isto é resultado do contato diário com florestas de várzea, lagos, aves, animais peçonhentos, em suas idas e vindas, sejam para a escola ou em busca de alimento.

Estes caminhos de aprendizagem formam o elo de compreensão das inter-relações existente em cada lugar percorrido ou navegado, possibilitando a compreensão da própria biosfera. O saber se constrói na labuta diária da sobrevivência.

Como pode ser observado nos riscos e rabiscos dos estudantes ribeirinhos:



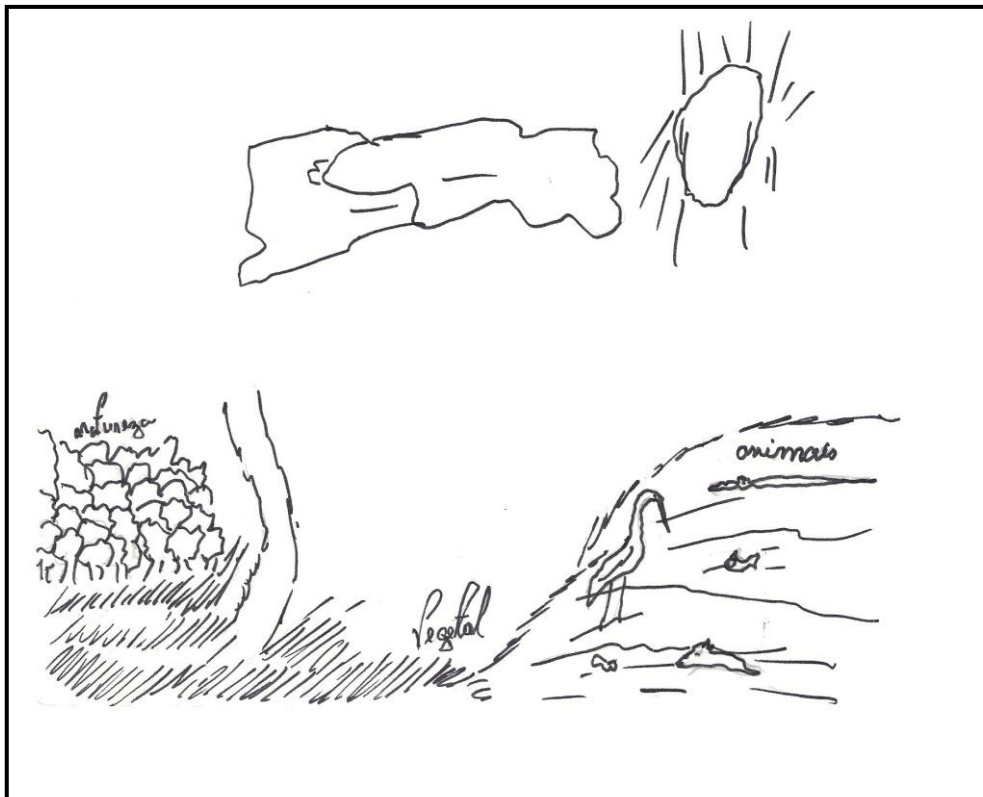
Representação do que o estudante ribeirinho aprende na escola e através dos ensinamentos dos seus pais. Representação do seu lugar de vida.



Demonstração da relação vivida no local, na tentativa de compreender o global. Neste caso partem dos ensinamentos escolares.



Visão de futuro do estudante ribeirinho, ou seja, profissional pesquisador e a vontade de compreender o geossistema amazônico.



Os elementos naturais representados deixam evidente o que é observado diariamente pelos estudantes em seu processo contínuo de aprendizagem.

477



O estudante ribeirinho e sua vontade de ser professora, na própria comunidade onde vive



Estes riscos e rabiscos é parte da verdadeira cartografia escolar ribeirinha, representação dos seus lugares de vida – casa e escola – as relações interpessoais e de aprendizagem se estabelecem, deixando fluir a vida embalada pela vontade de saber e compreender os ensinamentos tradicionais, diante da pluralidade existente na sala de aula e na própria comunidade. Esta vivencia permitir a reprodução dos espaços vividos e percebidos, onde destacam suas vontades futuras, seus desejos e seus sonhos, seus hábitos e seus costumes, sua sociabilidade, sendo elementos que dignificam sua vida em plena várzea, porque são os fortes da beira do rio.

Não há necessidade de descrever porque a representação cartográfica fala por si só, mostrando o modo de vida rural, sustentáculo do processo de construção e fortalecimento do sentimento de identidade ribeirinha, por viver a verdadeira relação com a floresta, com o solo, com a água, sendo parte de cada elemento natural, sentindo-se, também, um elemento da natureza, pois, tudo tem sentido de vida e assim os significados são organizados.

Dessa forma, a trajetória da cartografia ribeirinha constata os afazeres domésticos, como carregar água no balde, capinar as plantações, vigiar os animais para não invadirem a lavoura, lavar roupa no rio Amazonas e nas horas livres brincam e se banham nas águas barrentas. Isto está associado ao compromisso de ajudar seus pais nas atividades domésticas e na escola dedicação ao estudo.

É importante frisar, nos desenhos estão contidos os sentimentos de vida, a partir do que do que sempre foi visto, sentido e do que fazem e como fazem aprendendo e vivendo a aprender continuamente.

Então, navegar na realidade ribeirinha é cartografia a vida a partir da escala estabelecida, a qual abre a possibilidade de encontrar a realidade marcada por duas realidades, uma durante a vazante e a outra no período da cheia, onde as lembranças de cada ano são lições de preparação do ano seguinte, momento de descobertas e de um eterno reinicia.



## CONCLUSÃO

Navegando nas inquietações pela possibilidade de compreensão da Cartografia Escolar: entre os riscos e rabiscos na beira do rio Amazonas abriu os novos caminhos de percepção da realidade amazônica, a partir da comunidade do Itaboraí do Meio, no município de Parintins – Amazonas. Esta realidade esta nos processos de aprendizagem dos estudantes ribeirinhos, onde as suas alegrias são projetadas nos sorrisos ou no mergulho nas águas barrentas do rio Amazonas.

A incessante viagem permitiu ir ao encontro das leituras feitas pelos estudantes e das representações gráficas e cartográficas, onde deixam registrado o lugar de vida, demonstrando não só a habilidade de representar em risco e rabisco, mas a forma de pensar o lugar de vida e assim manifestar a sua compreensão sobre o que aprendem e como aprendem os ensinamentos de casa e da escola. Estes riscos e rabiscos são formas cartográficas de representar o seu modo de vida e sua vida cotidiana, seja atravessando o rio ou remando em sua canoa a favor ou contra a correnteza do grande rio, sempre com a esperança de chegar a um porto seguro, ou em mãos que embalem o aprendizado.

Dessa forma fica evidenciado que o estudante de várzea tem muito conhecimento geográfico, a partir dos saberes tradicionais a ele repassados, mas que precisam ser fortificados pela Geografia como ciência e também pela escolar.

A cartografia faz parte da sua vida, porque a projeção está em suas mentes e de forma coletiva podem produzir novas leituras da realidade vivida, onde serão capazes de expressar através de seus desenhos livres, mas representando cada aspecto do lugar, ou seja, os estudantes demonstraram a sua relação com o lago, com o trabalho familiar de produção e até mesmo porque, através da percepção, poderá ter a compreensão do processo ensino-aprendizagem da Geografia e do fortalecimento de sua identidade cultural.



## REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papyrus, 1998. – (Coleção Magistério: Formação de trabalho pedagógico).

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar. In. PONTUSCHKA, Nídia Nacib e OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino (orgs.). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. **Mapa mental: recurso didático no ensino de geografia no 1º grau**. São Paulo, 1994. 171 f. (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1994.